

## A INTERTEXTUALIDADE COMO CHAVE DE LEITURA PARA A ALEGORIA DO POEMA *NUX*, ATRIBUÍDO A OVÍDIO

### *INTERTEXTUALITY AS A READING KEY FOR THE ALLEGORY OF THE POEM NUX, ATTRIBUTED TO OVID*



João Victor Leite MELO  
Doutorando  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Faculdade de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Letras  
Vitória, Espírito Santo, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/2618375087243327>  
<https://orcid.org/0000-0002-8683-2179>  
[joaoxv11@gmail.com](mailto:joaoxv11@gmail.com)

**Resumo:** Em trabalho intitulado *Ovid, Augustus, and a nut tree*, Roger Beck (1965) propôs uma leitura de *Nux* (“A noqueira”) como se o poema fosse uma alegoria do exílio de Ovídio. Para tal, o estudioso coligiu algumas passagens do texto e os interpretou à luz dos *Amores* e das *Epistulae ex Ponto*. No presente artigo, a partir de excertos do poema *Nux*, acompanhados de nossa tradução para os mesmos excertos, retomaremos o raciocínio de Beck, somando à referida análise intertextual diversos trechos dos *Tristia* que também parecem servir como chaves de leitura para a alegoria enunciada pela noqueira ovidiana.

**Palavras-chave:** Ovídio. *Nux*. Alegoria. Intertextualidade. Roger Beck.

**Abstract:** In a work entitled *Ovid, Augustus, and a nut tree*, Roger Beck (1965) proposed a reading of *Nux* (“The walnut tree”) as if the poem were an allegory of Ovid's exile. To this end, the scholar collected some passages from the text and interpreted them in the light of *Amores* and *Epistulae ex Ponto*. In this paper, from excerpts from the poem *Nux*, accompanied by our translation proposal to them, we will resume Beck's reasoning, adding to that intertextual analysis several excerpts from the *Tristia* that also seem to serve as reading keys for the allegory enunciated by the ovidian walnut tree.

**Keywords:** *Ovid*. *Nux*. Allegory. Intertextuality. Roger Beck.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

*This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.*

---

**E**m *Nux*, poema latino “posicionado de maneira um tanto insegura às margens do *corpus* ovidiano” (Beck, 1965, p. 146)<sup>1</sup>, a voz enunciativa do discurso se assume como uma noqueira, a qual, por meio de um extenso solilóquio, composto por 91 dísticos elegíacos, discorre sobre a precária situação em que vive, queixando-se, entre outras coisas, de ser constantemente apedrejada pelos transeuntes, mesmo sem qualquer motivo para o castigo, como consta logo nos seis primeiros versos da obra:<sup>2</sup>

*Nux ego iuncta viae cum sim sine crimine uitae,  
A populo saxis praetereunte petor.  
Obruere ista solet manifestos poena nocentes,  
Publica cum lentam non capit ira moram:  
Nil ego peccaui nisi ne peccare docetur  
Annua cultori poma referre suo.  
(Nux, 1-6)*

Eu, a noqueira, ao pé da via, sem crime na vida,  
Com pedras sou ferida pelos transeuntes.  
Costuma-se oprimir assim os crimes manifestos,  
Quando não quer demora a lenta ira pública.  
Em nada eu errei, a menos que pareça errado  
Ceder ao lavrador seus frutos anuais.

2

A julgar pelo artigo de Roger Beck (1965), intitulado *Ovid, Augustus, and a nut tree* (“Ovídio, Augusto e uma noqueira”), pelo menos até a segunda metade do século XX, a maior parte dos críticos se limitou a interpretar o poema *Nux* como se ele não passasse de mera amplificação de certo *locus communis* (lugar-comum) presente em algumas fábulas<sup>3</sup> em prosa, que também têm por mote o lamento de uma árvore, e, mais ostensivamente, no epigrama de um contemporâneo de Ovídio, chamado Antípatro de Tessalônica (Beck, 1965, p. 146; Knox, 2009, p. 212), que reproduzimos abaixo:

είνοδιήν καρύην με παρερχομένοις ἐφύτευσαν  
παισι λιθοβλήτου παίγνιον εὐστοχίης.  
πάντας δ’ ἀκρεμόνας τε καὶ εὐθαλέας ὀροδάμνους  
κέκλασμαι, πυκιναῖς χερμάσι βαλλομένη.  
δένδρεσιν εὐκάρποις οὐδὲν πλέον ἢ γὰρ ἔγωγε  
δυσδαίμων ἐς ἐμὴν ὕβριν ἔκαρποφόρουν.<sup>4</sup>

Nogueira fui plantada à margem de uma via,  
Para servir de alvo às pedras dos garotos.  
Estão todos quebrados meus galhos e brotos,  
Feridos pela chuva de pedrada.  
Não há vantagem alguma às árvores frutíferas;  
Eu mesma, dando frutos, só me desgraçei.<sup>5</sup>

De fato, a comparação entre esse epigrama e o trecho inicial de *Nux* corrobora o *locus communis* apontado pela crítica tradicional, haja vista ambos os textos encenarem uma noqueira à beira da estrada (*Nux ego iuncta uiae*, no primeiro verso de *Nux*, e *εἰνοδίην καρβήν*, no de Antípatro), reclamando das pedradas que recebe e da inutilidade de ser fértil. Todavia, na opinião de Beck, o mais relevante para a interpretação da noqueira ovidiana não é a semelhança superficial entre *Nux* e o supracitado epigrama, mas sim as características que sugerem que o autor do poema extrapolou esse *locus communis*, conferindo à alegoria vários detalhes do exílio de Ovídio (Beck, 1965, p. 147). Tais detalhes foram analisados pelo estudioso por via da intertextualidade que *Nux* parece estabelecer com certas passagens dos *Amores* e das *Epistulae ex Ponto*, algumas das quais citaremos mais adiante. Antes disso, convém tecer algumas palavras sobre a intrincada questão de autoria que envolve a *Nogueira* ovidiana.

### ***Nux*, à sombra do *corpus* ovidiano<sup>6</sup>**

De acordo com John Richmond, em trabalho intitulado *Manuscript traditions and the transmission of Ovid's Works*, a maior parte do que dispomos hoje das obras de Ovídio provém daquilo que sobreviveu nos manuscritos dos séculos IX e X, localizados na Europa Ocidental (Richmond, 2002, p. 449). Para ilustrar a profusão de textos que foram atribuídos ao poeta na Idade Média, o estudioso cita um códice de Frankfurt<sup>7</sup>, do início do século XI, que contém, junto dos títulos mais conhecidos<sup>8</sup>: *Nux*, *Philomela*, *Cuculus*, *De Medicamine Aurium*, *De Somnio*<sup>9</sup>, *De Vino*, *De Humoribus*, *De Nemore* e *Pulex* (Richmond, 2002, p. 453).

Além desses, o estudo de Peter Knox (2009, p. 214) mostra que circularam ainda, em edições separadas, *De Psittaco* e *De Mirabilibus Mundi*. O poema *Nux* estaria situado na tradição do século XI, período do qual também fazem parte as cópias mais antigas do fragmento de *Medicamina Faciei Femineae* (Richmond, 2002, p. 451). Nos séculos XII e XIII, *Ibis* e *Nux* reaparecem em edições que comportavam as *Metamorphoses* (Conte, 1999, p. 360).

Contudo, se por um lado há evidências de que cópias da *Nogueira* circularam juntas de manuscritos quase tão antigos quanto aqueles que configuram o *corpus* tradicional ovidiano<sup>10</sup>, por outro, a prova da antiguidade do texto não é suficiente para comprovar a autoria de Ovídio (Knox, 2009, p. 213). Além disso, estudos estilísticos realizados por A. G. Lee (1958) parecem ter convencido a maioria dos especialistas de que *Nux*, de fato, é espúrio. Ainda assim, passadas quase três décadas da publicação do trabalho de Lee, alguns pesquisadores continuaram argumentando a favor da autenticidade do poema, como Pulbrook (1985).

---

Ao comentar esse impasse, o autor de *Lost and spurious works* emite um juízo com o qual concordamos. Segundo Knox, mesmo que *Nux* não seja de Ovídio, o texto representa mais um importante documento no dossiê sobre a recepção ovidiana (Knox, 2009, p. 213). Para ilustrar esse argumento, vale citar um breve exemplo da recepção de *Nux* no século XVI por parte do filósofo humanista Erasmo de Rotterdam (1466-1536), o qual, com o intuito de ajudar o filho de Thomas More a ter melhor desenvoltura nas aulas de latim, redigiu um comentário sobre *Nux*, em 1523, incentivando o rapaz a ler o poema como se ele fosse verdadeiramente de Ovídio.

De acordo com Bohm (2006, p. 27), o modo ambíguo com o qual Erasmo faz algumas observações parece ser uma sátira ao zelo filológico da época. A certa altura do comentário, Erasmo escreve: “Aceite este pequeno presente – ele é realmente gracioso e muito ovidiano. De qualquer modo, dificilmente alguém poderia considerar uma árvore inteira como um presente muito pequeno, ou pensar que algo tão eloquente não tem valor”<sup>11</sup> (*apud* Bohm, 2006, p. 28).

4

De igual modo, na contramão da crítica acadêmica do século XIX, cujos argumentos usados em desfavor da suposta autoria ovidiana concentraram-se principalmente na forma, isto é, métrica, vocabulário e estilo (Bohm, 2006), o artigo de Beck (1965) procura ressaltar o conteúdo do poema, particularmente o conteúdo alegórico<sup>12</sup>, uma vez que, para além da semelhança entre os primeiros versos de *Nux* e o curto epigrama de Antípatro, a noqueira é, nas palavras do estudioso, desproporcionalmente maior: “uma enorme casca para um miolo tão pequeno”<sup>13</sup> (Beck, 1965, p. 148).

Quanto ao termo “alegoria” por meio do qual Beck qualifica a noqueira ovidiana no referido artigo – sem, no entanto, sentir a necessidade de esmiuçá-lo –, supomos que o estudioso o estivesse utilizando conforme a definição mais usual dos manuais de retórica literária, qual seja, a de uma sequência de metáforas através da qual se expõe o pensamento de modo indireto, representando um objeto para significar outro (Tavares, 1996; Lausberg, 2011, p. 249), e, para os fins do presente trabalho, será também nesse sentido que o utilizaremos aqui.

Ademais, não obstante o termo “intertextualidade” ter sido utilizado pela primeira vez, por Julia Kristeva (1967)<sup>14</sup>, dois anos após a publicação do trabalho de Beck, julgamos que, ao propor uma leitura para o poema à luz de outros textos ovidianos, o pesquisador realiza uma análise que vai ao encontro dos pressupostos basilares com os quais a referida semioticista discutira as teorias bakhtinianas, referentes à noção de que o discurso literário “não é um ponto (um sentido fixo), mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de várias escrituras”

---

(Kristeva, 1967, p. 439, como citado em Fiorin, 2005, p. 163). Assim, todo texto constrói-se “como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (Kristeva, 1967, p. 440, como citado em Fiorin, 2005, p. 163). Tal concepção, como sustenta Patrícia Prata, reverbera “algo que parece caracterizar a literatura latina: a *imitatio* de um modelo, a presença deste na sua composição” (Prata, 2017, p. 127).

Desse modo, aproveitando alguns caminhos trilhados por Beck, neste artigo pretendemos demonstrar que, a despeito da dúvida autoral, é possível constatar diversos traços na composição alegórica de *Nux* que sugerem certa conexão intertextual com as obras *Amores* e *Epistulae ex Ponto*, apontada pelo referido estudioso, e, talvez mais ostensivamente, com os *Tristia*, como argumentaremos a seguir.

### ***Nux*, à luz do intertexto ovidiano<sup>15</sup>**

Depois de a noqueira ter dito, logo no início do poema, que está sendo apedrejada publicamente, mesmo sem ter cometido falta alguma, a menos que seja errado cumprir o seu papel de árvore frutífera, isto é, gerar frutos, a alegoria prossegue do seguinte modo:

*At prius arboribus, tum cum meliora fuerunt  
Tempora, certamen fertilitatis erat;  
Tum domini memores sertis ornare solebant  
Agricolae fructu proueniente deos:  
Saepe tuas igitur, Liber, miratus es uvas,  
Mirata es oleas saepe Minerua suas,  
Pomaque laesissent matrem, nisi subdita ramo  
Longa laboranti furca tulisset opem:  
Quin etiam exemplo pariebat femina nostro,  
Nullaque non illo tempore mater erat.  
At postquam platanis sterilem praebentibus umbram  
Vberior quauis arbore uenit honor,  
Nos quoque frugiferae (si nux modo ponor in illis)  
Coepimus in patulas luxuriare comas.*  
(*Nux*, 7-20)

Outrora houve tempos bem melhores para as árvores,  
quando o esforço tornava-se fertilidade;  
Então, os senhores gratos costumavam enfeitar  
com coroas de frutos os deuses agrícolas.  
Não raro foste amado, ó Líber, pelas tuas uvas,  
e, por seus olivais, também fora Minerva.  
Fariam mal à mãe os frutos, não fosse o trabalho  
do comprido forçado auxiliar os ramos.  
E pelo nosso exemplo as mulheres davam à luz;  
nenhuma não foi mãe naquelas estações.  
No entanto, para a sombra estéril dos plátanos veio  
uma glória maior do que a das outras árvores.  
Também nós, frutuosas, (se a noqueira entre elas conta),  
começamos a dar folhagens opulentas.

---

Em seguida, a noqueira adverte que se outras árvores ficassem sabendo disso, elas poderiam deixar de gerar frutos, considerando que ser improdutiva é um modo de permanecer em segurança, como se segue:

*Certe ego, si nunquam peperissem, tutior essem:  
Ista Clytaemnestra digna querela fuit.  
Si sciat hoc uitis, nascentes supprimet uvas,  
Orbaque, si sciat hoc, Palladis arbor erit:  
Hoc in notitiam ueniat maloque piroque:  
Destituent siluas utraque poma suas:  
Audiat hoc cerasus, bacas exire uetabit:  
Audiat hoc ficus, stipes inanis erit.  
(Nux, 25-32)*

Seria mais prudente se parido eu nunca houvesse:  
Essa queixa foi digna de Clitemnestra.  
Se a cepa souber disso, reterá as nascentes uvas,  
E a árvore de Palas ficará sem filhos:  
Chegando esta notícia à macieira e à pereira,  
Abandonarão, uma e outra, seus pomares.  
Ouça isso a cerejeira; impedirá que as bagas cresçam:  
Escute isso a figueira; o cepo será oco.

6

No entendimento de Beck, ainda que os excertos acima possam ser considerados como simples desenvolvimento retórico daquele referido lugar comum, entre os versos 15-16 e 23-24 de *Nux*, “a alusão é, obviamente, aos *Amores* (2.13; 2.14) e à reação de Ovídio ao aborto quase desastroso de Corina”<sup>16</sup> (Beck, 1965, p. 149). A nosso ver, essa intertextualidade pode ser mais bem aproveitada na análise da segunda metade do poema, como o faremos no próximo tópico.

Por ora, seria oportuno apontar algumas semelhanças com os *Tristia*, a começar pelo primeiro livro (*Tr.* 1.1.47-48).<sup>17</sup> Nessa elegia, Ovídio diz que até Homero ficaria sem inspiração se o poeta da Meônia tivesse sofrido as mesmas desgraças que ele. Isso nos leva a interpretar as palavras *uitis* (cepa), *malus* (macieira), *pirus* (pereira), *cerasus* (cerejeira) e *ficus* (figueira), nesse passo de *Nux*, como uma alegoria para referir-se a outros poetas que, igualmente, se tomassem conhecimento dos infortúnios advindos à carreira do colega relegado<sup>18</sup>, perderiam seiva criativa, abalados pelo medo. Desse modo, o prejuízo nos pomares parece representar uma provável queda de produção na seara das letras (Melo, 2019, p. 150).

Poucos versos mais à frente, quando a noqueira exorta o leitor a observar “todos aqueles troncos íntegros em ordem, os quais de modo algum devem ser derrubados”, ao mesmo tempo em que, ao contrário, “seus próprios ramos estão sendo mutilados” (*Nux*, 35-37)<sup>19</sup>, parece haver um paralelo com uma outra passagem dos *Tristia*, na qual Ovídio diz que “não foi o único a

escrever sobre ternos amores”, entretanto, somente ele foi punido por abordar essa matéria (*Tr.* 2.361-362).<sup>20</sup> Para corroborar essa afirmação, Ovídio cita nomes de vários poetas gregos, como, além da poetiza Safo, Anacreonte, Calímaco, Menandro e Homero (*Tr.* 2.364-375), e mais dezesseis poetas latinos, entre eles: Ênio, Lucrécio, Catulo, Galo, Tibulo, Propércio, entre outros (*Tr.* 2.423-465). Ao final desse catálogo, o eu poético conclui do mesmo modo com que abriu a listagem, dizendo que “não vê um entre tantos escritores cuja Musa o tenha arruinado, exceto ele mesmo” (*Tr.* 2.495-496).<sup>21</sup> Assim, consideramos que esse possa ser um dos sentidos evocados pela alegoria da noqueira nos versos citados acima.

Outro ponto de contato pode ser encontrado no dístico que compreende uma espécie de enunciado proverbial: “E assim se faz um réu para quem vitória é lucro / os feitos de alguém pobre não têm fiador” (*Nux*, 41-42)<sup>22</sup>, onde as palavras *reus*, *uictoria* e *lucro* compõem uma imagem jurídica propensa a ser corrompida. De modo semelhante, nos *Tristia*, Ovídio emite a seguinte opinião sobre as contendas do fórum: “Aprende-se eloquência para defender causas justas / esta protege os culpados e os inocentes oprime” (*Tr.* 2.273-274).<sup>23</sup>

Injuriada, a noqueira afirma ter se tornado ré devido a um certo “excesso de intimidade” (*Nux*, 55-56).<sup>24</sup> Isso poderia nos remeter ao livre trânsito do qual, provavelmente, Ovídio gozava entre a família imperial, o que, como conjecturaram alguns estudiosos, teria dado ensejo ao seu banimento, seja por ter assistido clandestinamente a um rito consagrado à deusa egípcia Ísis, vetado aos homens, seja por ter acobertado um caso de adultério envolvendo Vipsânia Júlia, neta de Augusto (Conte, 1999; Rodrigues, 2010). De todo modo, nos *Tristia*, o poeta dá a entender que sua *relegatio* estava atrelada a alguma relação conturbada com o alto escalão de Roma (3.4.3-4).<sup>25</sup>

Logo que sua casa foi abalada pela notícia do exílio, “todos temeram a ruína e as cautas costas deram numa fuga comum” (*Tr.* 1.9.19-20).<sup>26</sup> Nessa elegia dos *Tristia*, os íntimos se afastam pelo mesmo motivo daqueles que “temem os atrozes raios por cujos fogos se costuma queimar o que está próximo” (*Tr.* 1.9.21-22).<sup>27</sup> Já em *Nux*, eles mantêm distância para “conservar a virtude de nascença incólume” (*Nux*, 52).<sup>28</sup> Mesmo sozinha, a noqueira ainda sofre ataques enquanto uma “turba verdejante permanece intacta” (*Nux*, 45-46).<sup>29</sup>

Ao lamentar, como já dissemos, sobre o “quão deplorável é o ódio acrescentado ao seu castigo, sentindo-se ré devido ao excesso de intimidade”, a noqueira parece reverberar, em nossa perspectiva, o mesmo desespero da *persona* dos *Tristia*, mais notadamente em 5.2.39, onde se lê: “Pobre de mim! O que farei se os mais próximos me abandonam?”.<sup>30</sup> Por outro lado, analisando a mesma passagem de *Nux* (55-56), Beck traz à baila um trecho das *Epistulae*

---

*ex Ponto* (3.2.9-14)<sup>31</sup> que também parece servir como chave de leitura intertextual para o poema. O objetivo do autor com a comparação é mostrar vestígios do *corpus* ovidiano na composição do texto, assim como evidenciar a introdução de um elemento não encontrado naquele *locus communis* original (Beck, 1965, p. 150).

Voltando a atenção novamente para os *Tristia*, cumpre destacar um trecho no qual o eu poético faz uma queixa bastaste similar àquela feita pela noqueira, que citaremos adiante. Comparemos os excertos:

*Barbara me tellus orbisque nouissima magni  
Sustinet et saeuo cinctus ab hoste locus.  
Hinc ego traicerer – neque enim mea culpa cruenta est –,  
Esset, quae debet, si tibi cura mei.  
(Tr. 5.2.31-34)*

É uma terra bárbara, a mais remota do vasto mundo,  
Que me retém, um lugar cercado por cruéis inimigos.  
Eu daqui seria transferido – pois não é de sangue minha culpa –,  
Se tu me desses a atenção devida.

8

Como vimos, Ovídio enfatiza o isolamento nas extremidades do império e reclama da falta de atenção por parte de alguém que poderia fazer com que ele fosse transferido para um local mais seguro. O mesmo ocorrerá em *Nux*:

*Sed, puto, magna mea est operoso cura colono!  
Inueniat, dederit quid mihi praeter humum.  
Sponte mea facilis contempto nascor in agro,  
Parsque loci, qua sto, publica paene uia est.  
Me sata ne laedam, quoniam et sata laedere dicor,  
Imus in extremo margine fundus habet.  
(Nux, 57-62)*

Mas, nobre para mim, penso, é o trabalho do agricultor  
Que saberia ter me dado mais que um solo.  
Elevo-me num campo desprezado, sem apoio,  
E o lugar onde estou é quase via pública.  
Para que eu não ultraje as plantações (dizem que ultrajo),  
A margem mais extrema da terra me guarda.

De acordo com Beck (1965, p. 151), os dísticos compreendidos nesse excerto “parecem claras alusões alegóricas ao exílio de Ovídio”<sup>32</sup>, o que pode ser constatado tendo em vista dois outros trechos das *Epistulae ex Ponto*. Para o estudioso, o *colonus* (agricultor) do primeiro verso poderia ser uma alusão a Augusto<sup>33</sup>, ao passo que o último dístico, de fato, ecoa dois versos da carta dirigida a Ático (*Pont.* 2.7.65-66)<sup>34</sup>, haja vista ambos os textos localizarem a enunciação



---

do discurso a partir dos limites do Império: “nos confins do orbe” (*finibus orbis*), na referida carta, e “na margem extrema” (*extremo margine*), em *Nux*.

Seis dísticos separam o excerto acima de outro trecho cuja semelhança temática com uma passagem dos *Tristia* salta aos olhos. Trata-se de uma espécie de catálogo em que o poeta menciona algumas maneiras de brincar com as nozes, entre os versos 75-86 da *Nogueira*. No segundo livro dos *Tristia*, à altura do verso 360, Ovídio argumenta que o conteúdo de uma obra não é prova do caráter de seu autor, e que muitos temas podem ser tratados com o intuito exclusivo de deleitar os leitores. Dentre esses assuntos figuram cinco jogos, expostos em doze versos, como se segue:

*Quid ualeant tali, quo possis plurima iactu  
Figere damnosos effugasue canes,  
Tessera quos habeat numeros, distante uocato  
Mittere quo deceat, quo dare missa modo,  
Discolor ut recto grassetur limite miles,  
Cum medius gemino calculus hoste perit,  
Vt † mage uelle † sequens sciat et reuocare priorem,  
Nec tuto fugiens incommitatus eat,  
Parua sit ut ternis instructa tabella lapillis  
In qua uicisse est continuasse suos,  
Quique alii lusus – neque enim nunc persequar omnes –  
Perdere, rem caram, tempora nostra solent.*  
(Tr. 2. 473-484)

Quanto valem os ossos, com que lances podes fazer  
Mais pontos ou como evitares o azarado cão,<sup>35</sup>  
Quais números tem o dado, como, evocando o número faltante,  
Convém jogá-los e como passar os já lançados,<sup>36</sup>  
Como mover o peão de cor diferente em linha reta,<sup>37</sup>  
Quando se perde uma peça em meio a dois inimigos,  
Como †...† possa seguir e fazer recuar a primeira,<sup>38</sup>  
E que não vá, ao fugir em segurança, sozinha,  
Como se deve dispor as três pedrinhas no pequeno tabuleiro,  
E é vencedor aquele que alinhar as suas sobre ele,  
E outros jogos – não os citarei todos agora –  
Que o tempo, um bem precioso, costumam nos fazer perder.

Assim como nos *Tristia*, em *Nux* há uma enumeração de cinco jogos, também acomodada em doze versos, conforme abaixo:

*Quattuor in nucibus, non amplius, alea tota est,  
Cum sibi suppositis additur una tribus.  
Per tabulae cliuum labi iubet alter et optat  
Tangat ut e multis quaelibet una suam.  
Est etiam, par sit numerus qui dicar an impar,  
Vt diuinatas auferat augur opes.  
Fit quoque de creta, qualem caeleste figuram  
Sidus et in graecis littera quarta gerit.*

---

*Haec ubi distincta est gradibus, quae constitit intus  
Quot tetigit uirgas, tot capit ipsa nuces.  
Vas quoque saepe cauum spatio distante locatur,  
In quod missa leui nux cadat una manu.  
(Nux, 75-86)*

Consiste a brincadeira em quatro nozes, e não mais,  
Quando uma é sobreposta às três debaixo dela.  
O outro as faz rolar sobre uma tábua reclinada,  
Torcendo pra que ao menos uma toque a sua.  
Também há quem regule se seria par ou ímpar,  
Pro áugure medir seus dons divinatórios.<sup>39</sup>  
Ou então é feita à giz a imagem da constelação  
Com formato igual ao da quarta letra grega:<sup>40</sup>  
Essa recebe marcas, e a noz que lá dentro pare  
Vira prêmio assim como a que tocar as linhas.  
Outras vezes um vaso é colocado à distância,  
No qual, lançada por mão leve, caia a noz.

10 Como supomos em trabalho anterior (Melo, 2019, p. 138), essa espécie de catálogo de jogos talvez sirva para amplificar a alegoria orquestrada pelo poeta desde os primeiros versos de *Nux*, qual seja, a de que ela, enquanto árvore abandonada à própria sorte, que sofre não só da falta de cuidados mas também das agressões gratuitas, ainda assim percebe que seus frutos (suas obras) servem para o deleite das pessoas – haja vista Ovídio ter registrado nos *Tristia* que, a despeito de não ter podido dar o “polimento final” nas *Metamorfoses* antes da *relegatio*, a obra já estava sendo copiada e lida em Roma (*Tr.* 1.7.23-29). Igualmente, a noqueira em si é desprezada, mas seus frutos são aproveitados de diversas maneiras, podendo servir tanto à alimentação como para jogos, assim como aquele: exilado, esquecido, porém, gerador de obras que ainda eram consumidas pelo povo romano.

Dentre as reflexões feitas pela noqueira a respeito do modo mais prudente de se viver, uma delas diz respeito à discrição, como a seguir:

*Felix secreto quae nata est arbor in aruo  
Et soli domino ferre tributa potest:  
Non hominum strepitus audit, non illa rotarum,  
Non a uicina puluerulenta uia est:  
Illa suo, quaecumque tulit, dare dona colono  
Et plenos fructus annumerare potest.  
(Nux, 87-92)*

Feliz mesmo é a árvore que nasce em campo oculto  
E pode oferecer tributos só ao dono.  
O ruído dos homens e das rodas não escuta,  
Nem recebe a poeira da estrada vizinha.  
Ao seu cultivador qualquer presente pode dar,  
E nutritivos frutos acrescenta aos bens.

---

De modo similar, aludindo à proverbial relação entre altura e queda, Ovídio cita Dédalo e Ícaro nos *Tristia* (3.4.21-23) para mostrar que a fama, a notoriedade, pode converter-se em signo negativo, assim como a queda daquele que, com seu nome e insucesso, marcou o mar Icário. “Acredita-me”, escreve o poeta ao destinatário dessa elegia, “quem bem se esconde bem vive” (*Tr.* 3.4.25).<sup>41</sup>

Persistindo na interpretação de que *Nux* possa ser uma alegoria do exílio ovidiano, acreditamos que o sentido do último dístico do excerto acima (*Nux*, 91-92) seria o de que a árvore não está presa às obrigações que os poetas tinham em suas relações com seus ilustres patronos (patrocinadores), tampouco aos deveres patrióticos, como a necessidade de fazer poesia-propaganda. Nesse sentido, se os poetas tivessem a liberdade de produzir como as árvores, tudo quanto fosse criado entraria para o arcabouço literário, sem sanções.

### Aborto, suicídio e um pedido final

Passando à segunda metade de *Nux*, o poema retoma a metáfora dos frutos significando obras para estabelecer, em nossa perspectiva, certo paralelo com o fato de Ovídio ter sido impossibilitado de concluir as suas maiores obras, pois, quando a noqueira alega estar sendo “impedida de produzir frutos maturados, porque suas forças são roubadas antes da hora” (*Nux*, 93-94)<sup>42</sup>, cremos ser esta uma alegoria que pode remeter a dois trechos específicos dos *Tristia*, referentes aos *Fasti* e às *Metamorphoses*, como se segue:

*Sex ego Fastorum scripsi totidemque libellos,  
Cumque suo finem mense uolumen habet,  
Idque tuo nuper scriptum sub nomine, Caesar,  
Et tibi sacratum sors mea rupit opus.  
(Tr. 2.549-552)*

Seis mais seis livros dos *Fastos* escrevi,  
E junto com o mês cada volume chega ao fim,  
E a essa obra, escrita há pouco em teu nome, ó César,  
E a ti consagrada, minha sorte interrompeu.

Quanto às *Metamorphoses*, eis o que o poeta declara:

*Sunt quoque mutatae, ter quinque uolumina, formae,  
Carmina de domini funere rapta sui.  
Illud opus potuit, si non prius ipse perissem,  
Certius a summa nomen habere manu.  
(Tr. 3.14.19-22)*

Há também quinze volumes das *Metamorfoses*,  
Versos arrancados ao funeral de seu dono.

---

Aquela obra poderia, se não me desgraçasse antes,  
Ter um renome mais seguro com a última demão.

Supõe-se que a incompletude dos *Fasti* e a falta de polimento final nas *Metamorphoses*, expresso acima pela *persona* ovidiana, se devem ao banimento do poeta para Tomos, local inóspito no qual “o rígido inverno, demasiado frio”, chegou a adoecê-lo (*Tr.* 5.13.6).<sup>43</sup>

As condições físicas da noqueira também não são boas, porém, a verdadeira razão da degeneração de seu corpo, como ela mesma diz, não é o calor e nem o frio severo, tampouco as chuvas de granizo, mas sim os “frutos”, conforme abaixo:

*Saepe aliquis, foliis ubi nuda cacumina uidit,  
Esse putat Boreae triste furentis opus;  
Aestibus hic, hic me spoliata frigore credit;  
Est quoque, qui crimen grandinis esse putet.  
At mihi nec grandis, duris inuisa colonis,  
Nec uentus fraudi solue geluue fuit:  
Fructus obest, peperisse nocet, nocet esse feracem,  
Quaeque fuit multis, ei mihi, praeda malo est.*  
(*Nux*, 101-108)

12

Às vezes quando alguém a minha copa vê sem folhas,  
Julga do fero Bóreas ser a triste obra;  
Um, pelo calor; outro, pelo frio crê que fui  
Pilhada. Há também quem pense nos granizos.  
Porém, não foi granizo – odioso aos lavradores –  
Nem foi o vento, nem o sol, nem a geada:  
O fruto é que é danoso; dói gerar; dói ser fecunda!  
Assim como pra muitas, me fez mal parir.

Com relação aos rigores do clima, nos *Tristia* o poeta compara a cor e o aspecto de seus membros às “folhas atingidas pelo primeiro frio e estragadas pelo novo inverno” (*Tr.* 3.8.29-31).<sup>44</sup> Se aqui o frio colabora para que “nunca lhe falte motivo para lamentosa dor” (*Tr.* 3.8.32)<sup>45</sup>, em *Nux* a *persona* transmutada em árvore consegue tirar vantagem das baixas temperaturas, pois, como ela mesma explica:

*Ergo inuisa aliis uni mihi frigora prosunt:  
Illo me tutam tempore praestat hiems.  
Nuda quidem tunc sum, nudam tamen expedit esse,  
Non spoliium de me quod petat hostis habet.*  
(*Nux*, 127-130)

O inverno detestado só a mim é proveitoso:  
Naquela estação o frio me protege.  
Por certo eu fico nua, e a nudez é vantajosa,  
Assim não há espólios para os inimigos.

---

O eu poético dos *Tristia* também parece ter se acomodado ao “gélido eixo da Virgem Parrásia” (*Tr.* 2.190)<sup>46</sup> antes de terminar o quinto livro, como a seguir:

*Iussus ad Euxini deformia litora ueni  
Aequoris – haec gelido terra sub axe iacet.  
Nec me tam cruciat numquam sine frigore caelum  
Glebaque canenti semper obusta gelu.  
(Tr. 5.2b.19-22)*

Cumprindo ordens, aos horrendos litorais do mar Euxino  
Cheguei – esta terra que jaz sob o gélido pólo.  
Não me atormenta tanto o clima, nunca sem frio,  
Nem o solo pelo alvo gelo sempre queimado.

Assim, o tormento do clima passa a ser considerado um problema menor, se comparado com o fato de “estar de todos os lados oprimido por uma guerra vizinha e mal [ser defendido] do inimigo por um pequeno muro” (*Tr.* 5.2b.25-26).<sup>47</sup>

Poucos versos mais à frente, a noqueira argumenta que se é correto as pessoas espoliarem-na e maltratam-na, simplesmente porque “o local onde se encontra é quase via pública” (*Nux*, 60)<sup>48</sup>, então, o mesmo deveria ser permitido dentro da Cidade, como se segue:

*Forsitan hic aliquis dicat “quae publica tangunt,  
Carpere concessum est: hoc uia iuris habet”.  
Si licet hoc, oleas destringite, caedite messes;  
Improbe, uicinum carpe, uiator, holus.  
Intret et Vrbanas eadem petulantia portas,  
Sitque tuis muris, Romule, iuris idem:  
Quilibet argentum prima de fronte tabernae  
Tollat et ad gemmas quilibet alter eat;  
Auferat hic aurum, peregrinos ille lapillos,  
Et quascumque potest tangere tollat opes.  
(Nux, 133-142)*

Talvez aqui alguém dirá: “o que quer que toque a via  
Pública, é concedido que seja apanhado”.  
Se isso é permitido, arranquem messes e oliveiras,  
Devore as hortaliças vizinhas, ó ímprobo!  
Que a mesma petulância adentre as portas da Cidade,  
E que em teus muros haja tal direito, ó Rômulo!  
Que alguém carregue toda a prata da frente das lojas  
E que um outro roube as pedras preciosas:  
Que este furte o ouro; gringas pérolas aquele,  
Mais todas as riquezas que puder tocar.

Logo adiante, ao exaltar a autoridade de César, em virtude da qual nenhum ladrão ficaria impune, a noqueira faz uma queixa que parece ecoar a mesma intranquilidade relatada

---

por Ovídio nos *Tristia*, gerada pelas investidas dos povos getas, bessos e sármatas, conforme abaixo:

*Si quis adhuc istic meminit Nasonis adempti  
Et superest sine me nomen in Vrbe meum,  
Subpositum stellis numquam tangentibus aequor  
Me sciat in media uiuere barbaria.  
Sauromatae cingunt, fera gens, Bessique Getaeque,  
Quam non ingenio nomina digna meo!  
(Tr. 3.10.1-6)*

Se alguém aí se lembra ainda de Nasão, o proscrito,  
E sobrevive sem mim meu nome na Cidade,  
Deixado sob as estrelas que nunca tocam o oceano,  
Saiba que vivo em meio aos bárbaros.  
Os sármatas, fero povo, cercam-me, e os bessos e os getas,  
Quão indignos são tais nome de meu engenho!

Do mesmo modo, em *Nux*, a paz romana, propalada por Augusto, não parece ter alcançado aquela “margem mais extrema da terra” em que a noqueira declara ter vivido. Isso pode ser constatado no seguinte excerto:

14

*Sed neque tolluntur nec, dum regit omnia Caesar,  
Incolumis tanto praeside raptor erit.  
At non ille deus pacem intra moenia finit:  
Auxilium toto spargit in orbe suum.  
Quid tamen hoc prodest, media si luce palamque  
Verberor et tutae non licet esse nuci?  
(Nux, 143-148)*

Mas nada é roubado enquanto César mande em tudo,  
Nem ficará incólume nenhum ladrão.  
Esse deus não restringe a paz aos muros da cidade,  
O seu auxílio ele esparge em todo o orbe.  
Porém, de que me vale isso se, publicamente,  
Sou maltratada e não posso estar segura?

Aqui vale citar a semelhança apontada por Beck entre o “auxílio espargido em todo o orbe” pelo *Caesar* mencionado em *Nux* quase que do mesmo modo como a *pax Augusta* é citada na letra de uma das *Epistulae ex Ponto* (2.5.17-18)<sup>49</sup>, dirigida a Salano, na qual o poeta desabafa: “Difícilmente, crê-me, descobrirás em todo o orbe outra plaga que desfrute menos da paz de Augusto” (Tradução de Geraldo José Albino, 2009).

Ademais, “longe, banido, ignorado nos confins do mundo” (Tr. 3.1.50)<sup>50</sup>, o eu poético dos *Tristia* guarda em comum com a noqueira, entre tantas coisas, o desejo de morrer, como se segue:

---

*O, ego, cum longae uenerunt taedia uitae,  
Optauì quotiens arida facta mori!  
Optauì quotiens aut caeco turbine uerti  
Aut ualido missi fulminis igne peti!  
Atque utinam subitae raperent mea poma procellae,  
Vel possem fructus excutere ipsa meos!*  
(*Nux*, 159-164)

Ah! desde que o desgosto veio sobre a longa vida,  
Quantas vezes a seiva morte desejei!  
Quantas vezes eu quis por furacão ser arrancada,  
Ou por um violento raio atingida!  
Quem dera se a procela arrebatasse as minhas nozes,  
Ou que pudesse eu mesma expulsar meus frutos!

De fato, Ovídio mencionou o desejo de suicidar-se em alguns trechos de outras obras.<sup>51</sup> Antes de rogar aos deuses que apressassem os lentos fados da própria morte (*Tr.* 3.2.27-29)<sup>52</sup>, o poeta diz algo muito parecido com o excerto de *Nux* supracitado, no seguinte passo dos *Tristia*:

*Ei mihi, quo totiens nostri pulsata sepulcri  
Ianua sub nullo tempore aperta fuit!  
Cur ego tot gladios fugi totiensque minata  
Obruit infelix nulla procella caput?*  
(*Tr.* 3.2.23-26)

Ai de mim! porque tantas vezes foi a porta de meu sepulcro  
Batida, mas em nenhum momento aberta!  
Por que de tantas espadas escapei e nenhuma tempestade,  
Frequentemente mais ameaçadora, encobriu esta infeliz cabeça?

Entretanto, o tema da morte como solução para os males aparece menos do que as reiteradas tentativas de convencer o eventual leitor de que “em seu erro não há crime” (*Tr.* 5.4.18)<sup>53</sup> – espécie de bordão que aparece em todos os cinco livros dos *Tristia*, mais de uma vez em cada.<sup>54</sup> Talvez esse seja um dos motivos pelo qual somos inclinados a associar o discurso da noqueira ao da *persona* ovidiana desde os primeiros versos de *Nux*, pois, como vimos, a noqueira também enfatiza sua inocência perante uma pena injusta.

Cumpramos lembrar ainda outro ponto da argumentação de Beck com relação ao último dístico do excerto anteriormente citado de *Nux*, no qual a noqueira revela o desejo de poder ela mesma “expulsar seus frutos”, o que poderia ser visto, num primeiro momento, como uma contradição do *éthos* ovidiano, uma vez que, a partir da elegia 14, do segundo livro dos *Amores*, depreende-se certa aversão do poeta quanto aos procedimentos abortivos. Entretanto, como sugere Beck (1965, p. 149), o tema é exatamente o de *Nux*, pois, “nos *Amores*, Ovídio usava a imagem do crescimento desimpedido da natureza como argumento contra o ferimento não

---

natural de Corina, ao passo que a noqueira compara sua própria pilhagem não sazonal ao aborto”.<sup>55</sup>

Contudo, para além das semelhanças que apontamos entre as obras, como a metáfora dos filhos/frutos enquanto livros; o isolamento geográfico; o clima hostil e as adversidades como obstáculos à inspiração e produção; a deterioração do corpo físico do eu poético; a violência com que seus frutos/obras foram arrancados antes da hora certa; o raciocínio de que viver no anonimato é mais prudente e, por fim, o desejo de morrer, parece haver uma diferença fundamental na peroração de *Nux*, cujo encadeamento de condicionais culminará não na esperança de perdão que perpassa os *Tristia*, mas no simples desejo de cumprir a pena que lhe foi imposta, sem o açoitamento público. Para ilustrar, tomemos os quatro dísticos finais da segunda elegia do primeiro livro dos *Tristia*:

*Immo ita, si scitis, si me meus abstulit error  
Stultaque mens nobis, non scelerata fuit,  
Quod licet et minimis, domui si fauimus illi,  
Si satis Augusti publica iussa mihi,  
Hoc duce si dixi felicia saecula proque  
Caesare tura pius Caesaribusque dedi,  
Si fuit hic animus nobis, ita parcite, diui!  
Si minus, alta cadens obruat unda caput!*  
(Tr. 1.2. 99-106)

Ora pois, se sabeis que é assim, se meu erro arrebatou-me  
E meu espírito foi insensato, não criminoso;  
Se, o que é permitido até aos mais humildes, dediquei-me àquela casa,  
Se as ordens de Augusto para mim eram lei,  
Se disse que, sob seu império, eram venturosos os séculos  
E a César e aos Césares, pio, ofereci incenso,  
Se foi esta minha intenção, poupai-me, ó deuses!  
Se não, ao precipitar-se, cubra uma imensa onda minha cabeça!

Esperançosa de que seus argumentos pudessem surtir algum efeito positivo, a *persona* dessa elegia encerra com uma pergunta retórica: “Engano-me ou começam a se dissipar as densas nuvens, e a ira aplacada do mar mudado se enfraquece?” (Tr. 1.2.107-108).<sup>56</sup> Já em *Nux*, o pedido final não será uma mudança no estado das coisas<sup>57</sup>, nem o reestabelecimento de relações pretéritas. Pelo contrário, a noqueira, resignada pelo destino à força de pedradas e reflexões, encerra o poema com as seguintes palavras:

*Saepe meas uento frondes tremuisse putastis,  
Sed metus in nobis causa tremoris erat.  
Si merui uideoque nocens, imponite flammae  
Nostraque fumosis urite membra focus:  
Si merui uideoque nocens, excidite ferro*



---

*Et liceat miserae dedoluisse semel.  
Si nec cur urar nec cur excidar habetis,  
Parcite: sic coeptum perficiatis iter.  
(Nux, 175-182)*

Pensastes que era o vento que tremia as minhas folhas,  
No entanto era o medo a causa do tremor.  
Se pareço culpada e me julgais merecedora,  
Atirai-me no fogo, incinerai meus galhos;  
Se pareço culpada e me julgais merecedora,  
Encerrai minha dor cortando-me com ferro;  
Mas se não há motivos pra queimar-me nem cortar-me,  
Terminai então vossa jornada e poupai-me.

Assim, o que aparece como esperançosa peroração nos *Tristia* se transforma numa espécie de epigrama tumular em *Nux*, acrescido de certa resignação ausente das chamadas “obras do exílio”.

Por tudo quanto foi dito, acreditamos ter sido possível observar em maior detalhe o diálogo intertextual que o poema *Nux* parece estabelecer, sobretudo, com os *Tristia*. Se, por um lado, tais comparações não são capazes de confirmar a autoria de Ovídio, por outro, como afirma Beck (1965, p. 162), elas evidenciam que o autor do poema tinha, provavelmente, grande familiaridade com as obras do exílio ovidiano, a partir das quais várias imagens foram pinçadas e transformadas em conteúdo alegórico pela voz da noqueira.

Nesse sentido, *Nux* poderia ser considerado como uma “alegoria mista”, definida, pelos manuais de retórica literária, desde Quintiliano (8.6.48), como um texto portador de pistas que possibilitem a associação do que foi figurado com o que está subentendido (Lausberg, 2011, p. 249), diferente da “alegoria pura”, ou *tota allegoria*, fechada em si mesma, sem qualquer elemento capaz de revelar o pensamento pretendido, “quase confundindo-se com o enigma” (Tavares, 1996, p. 374) – categoria essa em que parte da crítica literária do século passado costumava situar a noqueira ovidiana.

### **Considerações finais**

Com as páginas acima, argumentamos em favor de se interpretar o poema *Nux* como uma alegoria do exílio ovidiano, via intertextualidade, posto que diversos trechos parecem recapitular e exigir o conhecimento de várias passagens dos *Tristia* para surtir certos efeitos de sentido. Evidentemente, essa interpretação só procede quando supomos a *persona* poética de Ovídio (ou de um imitador com deliberado intento) emitindo tais enunciados, pois, caso contrário, a imagem do fruto como produto do trabalho aplicar-se-ia a qualquer outra profissão.

De qualquer modo, assim como Beck não tinha a intenção de exaurir o assunto em seu breve artigo, também não foi nosso propósito apontar o caminho percorrido até aqui como o único, mas sim como uma possibilidade razoável entre tantas. Afinal, como afirma Patrícia Prata (2017, p. 142), “a diversidade e a multiplicidade de semelhanças intertextuais que podem ser vislumbradas entre textos são devidas aos leitores: elas serão tantas quantas for a bagagem de leitura do intérprete”.

No entendimento de Don Fowler (2000, p. 117), ler um texto envolve um processo de duas etapas: uma reconstrução da matriz que lhe dá sentido e a produção desse sentido pelo ato de relacionar textos de partida com textos de chegada. Knox parece ir ao encontro desse processo na apreciação crítica que faz de *Nux* em seu artigo *Lost and spurious works*, pois, ao admitir que a matriz do poema poderia ter sido aquele diminuto epigrama, atribuído a Antípatro, o referido pesquisador conclui que a *Nogueira* pseudo-ovidiana “pretende ser uma elaboração retórica desse tema menor”<sup>58</sup> (Knox, 2009, p. 212).

De nossa parte, ao incluirmos à leitura de Beck também os *Tristia* como provável matriz geradora de sentidos para *Nux*, acreditamos ter sido possível ampliar a constatação de que a *Nogueira*, de fato, parece consistir na reelaboração alegórica de um dos maiores temas da poética ovidiana: o exílio.

## REFERÊNCIAS

- Bekc, Roger. (1965). Ovid, Augustus, and a Nut Tree. *Phoenix*, 19(2), 146–152. *JSTOR*. Disponível em: [www.jstor.org/stable/1087021](http://www.jstor.org/stable/1087021). Accessed 28 May 2020.
- Bohm, Arnd. (2006). Wordsworth's “Nutting” and the Ovidian *Nux*. *Studies in Romanticism*, 45(1), 25-48. Boston University.
- Conte, Gian Biagio. (1999). *Latin literature: a short history*. J. Hopkins.
- Erasmus. (1976). Commentary on Ovid’s Nut-Tree. In Elaine Fantham & Eriak Rummel (Eds.). *Collected Works of Erasmus: Literary and Educational Writings*. (A. G. Rigg Trad.). 7, ed.. Toronto & London: University of Toronto.
- Fiorin, José Luiz. (2005). Interdiscursividade e intertextualidade. In Beth Brait (Org.). Bakhtin. Outros conceitos-chave (pp. 161-193). São Paulo: Contexto.
- Fowler, Don. (2000). On the shoulders of giants: intertextuality and classical studies. In *Roman constructions. Readings in postmodern Latin*. Oxford University.
- Ganzenmüller, Carl. (1910). *Die Elegie Nux und ihr Verfasser*. Kommissionsverlag der J.J. Heckenhauerschen Buchhandlung.

---

Gow, A. S. F. & Page, D. L. (1968). *The Greek Anthology: The Garland of Philip*. Vol. II. Cambridge.

Halm, C. (1852). *Fabulae Aesopicae Collectae*. Leipzig: B. G. Teubner.

Hendren, Thomas George. (2013). *Ovid, Augustus, and the exilic journey in the Tristia and Epistulae ex Ponto*. [Tese de Doutorado, University of Florida]. Disponível em: <https://ufdc.ufl.edu/UFE0045161/00001>

Knox, Peter E. (2009). Lost and spurious works. In E. Peter Knox (Ed.). *A companion to Ovid*. Blackwell.

Kristeva, Julia. (1967). Bakhtine, le mot, le dialogue et le roman. Critique. *Revue générale de publications*. Paris, 29, fasc. 239, 438-465.

Lausberg, Heinrich. (2011). *Elementos de Retórica Literária*. (R. M. Rosado Fernandes, Trans). 6ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lee, A. G. (1958). The authorship of the Nux. In Herescu, n. I. *Ovidiana, Recherches sur Ovide publiées à l'occasion du bimillénaire de la naissance du poète*. Paris: Société d'Édition 'Les Belles Lettres'.

Melo, João Victor Leite. (2019). *Tradução poética de Ibis, Nux e Halieutica: três poemas de uma suposta quarta fase ovidiana*. [Dissertação de Mestrado em Letras – Estudos Literários. UFJF].

19

Ovid. (1957). *The art of love, and other poems*. (J. H. Mozley, Trans.). Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Ovide. (1987). *Tristes*. (Jacques André, Texto estabelecido & Trans). Paris: Belles Lettres.

Ovídio. (2009). *Cartas Pônticas*. (Geraldo José Albino, Trans.). São Paulo: Martins Fontes.

Prata, Patrícia. (2007). *O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*. [Tese de Doutorado em Letras Clássicas – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas].

Prata, Patrícia. (2017). Intertextualidade e literatura latina: pressupostos teóricos e geração de sentidos. *Phaos Revista de Estudos Clássicos*, Campinas, 17(1), 125-154.

Pulbrook, R. M. P. (1985). Ovidi Nasonis Nux elegia. Maynooth University.

Richmond, John. (2002). Manuscript traditions and the transmission of Ovid's Works. In Barbara Weiden Boyd (Ed.). *Brill's companion to Ovid*. Leiden, Boston, Köln: Brill.

Rodrigues, Nuno Simões. (2010). O exílio de Júlia Menor In Maria Cristina de Sousa Pimentel & Nuno Simões Rodrigues (Coords.). *Sociedade, poder e cultura no tempo de Ovídio*. Coimbra: FCT.

Tavares, Hênio. (1996). *Teoria Literária*. Belo Horizonte: Villa Rica.

<sup>1</sup> *Nux*, a short elegiac poem poised somewhat insecurely on the fringes of the Ovidian corpus (tradução nossa).

<sup>2</sup> Todos os excertos latinos de *Nux* citados neste artigo estão conforme a edição da *Loeb Classical Library* (1957). A tradução que lhes segue provém de nossa dissertação, intitulada *Tradução poética de Ibis, Nux e Halieutica: três poemas de uma suposta fase ovidiana* (Melo, 2019), com poucas modificações. Embora a tradução do dístico elegíaco latino já encontre certa tradição em português com o esquema de um dodecassílabo seguido de decassílabo, inaugurado por Péricles Eugênio da Silva Ramos (1964), de nossa parte, optamos por pares de versos compostos por 14 e 12 sílabas poéticas, com apoio rítmico preferencial em 6-10-14 / 6-12, inspirados no mesmo modelo utilizado por José Paulo Paes (1997) em sua obra *Poemas da carne e do exílio*, na qual o referido autor traduziu algumas elegias dos *Amores*, *Tristia* e *Epistulae ex Ponto*.

<sup>3</sup> Por exemplo, uma fábula de Babrius e outra de Esopo (188 Halm), que têm o mesmo tema, mas que não acrescentam nada relevante para a leitura comparativa com *Nux* (Beck, 1965, p. 146).

<sup>4</sup> Texto em grego conforme a edição *The Greek Anthology* (Gow & Page, 1915).

<sup>5</sup> Tradução nossa, sem qualquer pretensão métrica ou rítmica.

<sup>6</sup> Nesta seção, ao tratarmos da tradição de manuscritos no medievo e da recepção de *Nux* por Erasmo de Rotterdam no século XVI, foram aproveitadas partes do texto de nossa dissertação (Melo, 2019, pp. 7-10).

<sup>7</sup> Frankfurt-am-Main, S. Barthol. 110.

<sup>8</sup> *Heroides, Amores, Ars amatoria, Remedia amoris, Metamorphoses, Fasti, Tristia, Epistulae ex Ponto* (esse volume não continha o fragmento de *Halieutica* nem o *Medicamina faciei femineae*).

<sup>9</sup> *De Somnio* é, na verdade, a elegia 5 do terceiro livro dos *Amores*, assim como *De Psittaco* corresponde à elegia 6 do segundo livro. Durante a Idade Média, esses poemas costumavam circular separadamente sob os referidos títulos (Knox, 2009, p. 214).

<sup>10</sup> Peter Knox (2009, pp. xvii-xviii) registra o que seria mais ou menos consensual: *Heroides, Amores, Ars Amatoria, Remedia Amoris, Metamorphoses, Fasti, Tristia, Epistulae ex Ponto* e *Ibis*.

<sup>11</sup> *Accept this small gift – it is really quite elegant and very Ovidian. In any case, one could hardly regard a whole tree as a very tiny gift, or think that something so eloquent is valueless* (tradução nossa).

<sup>12</sup> No início do século XX, em trabalho intitulado *Die Elegie Nux und ihr Verfasser*, Carl Ganzenmüller (1910) também havia defendido a tese de que o poema consiste numa alegoria para a situação de Ovídio no exílio, argumentando, inclusive, a favor de sua autenticidade (Wilkinson, 1955, p. 364; Bohm, 2006, pp. 28-29).

<sup>13</sup> *The padding then is out of all proportion to its content, a huge shell for so tiny a kernel.*

<sup>14</sup> Em trabalho publicado pela *Critique*, no qual Kristeva (1967, p. 438-465) discute as teorias bakhtinianas expostas nas obras *Problemas da poética de Dostoiévski* e *A obra de François Rabelais*.

<sup>15</sup> Salvo indicação contrária, os excertos dos *Tristia* que serão mencionados neste artigo estão conforme a edição do texto latino estabelecido por Jacques André (1987), seguidos da tradução de Patrícia Prata (2007).

<sup>16</sup> *The allusion is of course to Amores (2.13 and 14), Ovid's reaction to Corinna's near disastrous abortion* (tradução nossa).

<sup>17</sup> *Da mihi Maeniden et tot circumspice casus: / Ingenium tantis excidet omne malis.* (Dá-me o poeta da Meônia e cerca-o de tantos infortúnios: / Todo engenho desaparecerá ante tão grandes desgraças).

<sup>18</sup> No último livro dos *Tristia* (5.3.52), Ovídio pede aos poetas que, ao beberem vinho, lembrem-se dele e digam “*Vbi est nostri pars modo Naso chori?*” (“Onde está Nasão, há pouco membro de nosso coro?”).

<sup>19</sup> *Cernite sinceros omnes ex ordine truncos, / Qui modo nil quare percutiantur habent. / At mihi saeva nocent mutilatis uulnera ramis.*

<sup>20</sup> *Denique composui teneros non solus amores / Composito poenas solus amore dedi.* (Enfim, não fui o único a escrever ternos amores: / Mas só eu fui punido por escrever sobre o amor).

<sup>21</sup> *Denique nec uideo tot de scribentibus unum / Quem sua perdiderit Musa: repertus ego.* (Enfim, não vejo um entre tantos escritores / Que sua Musa o tenha arruinado: somente eu).

<sup>22</sup> *Sic reus ille fere est de quo uictoria lucro / Esse potest; inopis uindice facta carent.* (Geralmente aquele é réu para quem vitória é lucro; / os feitos de alguém pobre não têm fiador).

<sup>23</sup> *Discitur innocuas ut agat facundia causas: / Protegit haec sontes inmeritosque premit.*

<sup>24</sup> *Quam miserum est odium damnis accedere nostris / Meque ream nimiae proximitatis agi!* (Quão deplorável é o ódio acrescentado ao meu castigo: / tornei-me ré por excessiva intimidade!).

<sup>25</sup> *Vsibus edocto si quicquam credis amico, / Viue tibi et longe nomina magna fuge! / Viue tibi, quantumque potes, praelustria uita.* (Se algum crédito dás a um amigo calejado pela experiência, / Vive para ti e para longe dos grandes nomes fuge! / Vive para ti e, quanto podes, todo esplendor evita).

<sup>26</sup> *At simul impulsa est, omnes timuere ruinam / Cautaque communi terga dedere fugae.*

<sup>27</sup> *Saeua neque admiror metuunt si fulmina quorum / Ignibus adflari proxima quaeque solent.*

<sup>28</sup> *Natiuum retinent inuiolata decus.*

<sup>29</sup> *Sic ego sola petor, solam quia causa petendi est; / Frondibus intactis cetera turba uiret.*

<sup>30</sup> *Me miserum! quid agam, si proxima quaeque relinquunt?*

<sup>31</sup> *Cum feriant unum, non unum fulmina terrent / iunctaque percusso turba pauere solet. / Cumque dedit paries uenturae signa ruinae, / sollicito uacuis fit locus ille metu. / Quis non e timidis aegri contagia uitat / uicinum metuens ne trahat inde malum?* (“Conquanto firam um só, os raios aterram a mais de um e a multidão que rodeia o ferido costuma espantar-se. Quando um muro deu sinais de iminente desmoronamento, toda a área se esvazia pelo medo e preocupação. Quem, entre os tímidos, não evita o contágio de um enfermo, para não contrair dele o mal vizinho?”) – Tradução de Geraldo José Albino, 2009.

<sup>32</sup> *Both couplets seem to be clear allegorical allusions to Ovid’s exile* (tradução nossa).

<sup>33</sup> Em tese intitulada *Ovid, Augustus, and the exilic journey in the Tristia and Epistulae ex Ponto*, Thomas Hendren (2013) faz um exame detalhado das alusões a Augusto nas obras do exílio ovidiano, assim como da mescla entre ficção e história nelas contidas.

<sup>34</sup> *Est aliquid patriis uicinum finibus esse: / ultima me tellus, ultimus orbis habet* (“De algo serve estar próximo das fronteiras pátrias: quanto a mim, vivo na extremidade da terra, nos prostremos confins do orbe”) – Tradução de Geraldo José Albino, 2009.

<sup>35</sup> Os *tali* eram dados de forma alongada, feitos de ossos de alguns animais, que tinham somente as quatro faces longas numeradas, respectivamente 1, 3, 4 e 6. Cada jogador possuía quatro ossos e ganhava quem obtinha a soma maior de pontos. O pior resultado, denominado *canis*, era quando saíam os quatro números iguais (principalmente a sequência de 1), e o melhor, chamado *Venus* ou *iactus uenereus* ou ainda *basilicus*, era quando cada peça apresentava um número diferente (Prata, 2007, p. 225 – nota 216).

<sup>36</sup> A *tessera* era um dado cúbico, numerado nas seis faces (de 1 a 6). Jogava-se com três dados; o melhor lance era quando a soma dava dezoito e o pior, três (Prata, 2007, p. 225 – nota 217).

<sup>37</sup> Alude ao *ludus latruncolorum*, que lembra os nossos jogos de dama e xadrez (Prata, 2007, p. 225 – nota 218).

<sup>38</sup> A frase *male uelle* é, de acordo com Patrícia Prata, indecifrável. A tradição manuscrita apresenta algumas variantes (*mare, mage, bellare*, ou mesmo *dare bella*), mas nenhuma delas elucida o texto (Prata, 2007, p. 225 – nota 219).

<sup>39</sup> O tradicional jogo de “par ou ímpar”, que entre nós é feito com os dedos, neste caso, ao que tudo indica era feito com as nozes.

<sup>40</sup> É provável que a referida constelação seja a de Áries, pois as estrelas que compõem o formato do carneiro perfazem um triângulo na parte superior (na cabeça) da figura. A quarta letra grega é o delta, igualmente triangular.

<sup>41</sup> *Crede mihi, bene qui latuit bene uixit.*

<sup>42</sup> *At mihi maturos numquam licet edere fetus, / Ante diemque meae decutiuntur opes.*

<sup>43</sup> *Saeua quod immodico frigore laesit hiems.*

<sup>44</sup> *Quique per autumnum percussis frigore primo / Est color in foliis quae noua laesit hiems, / Is mea membra tenet, nec uiribus adleuor ullis.*

<sup>45</sup> *Et numquam queruli causa doloris abest.*

<sup>46</sup> *Parrhasiae gelido uirginis axe premor.*

<sup>47</sup> (...) *quam quod finitimo cinctus premor undique Marte / Vixque breuis tutos murus ab hoste facit.*

<sup>48</sup> *Parsque loci, qua sto, publica paene uia est.*

<sup>49</sup> *Vix hac inuenies totum, mihi crede, per orbem / quae minus Augusta pace fruatur humus.*

<sup>50</sup> *Qui procul extremo pulsus in orbe latet.*

<sup>51</sup> Por exemplo, (Tr. 1.5.5-6): “*Qui mihi consilium uiuendi mite dedisti, / Cum foret in misero pectore mortis amor*” (Que a mim o afetuoso conselho de viver deste, / Quando havia no mísero peito o amor da morte) – (Pont. 1.6.41-42): *me quoque conantem gladio finire dolorem / arguit iniectam manum* (A mim, também, quando quis pôr fim aos meus sofrimentos pela espada) – (Pont. 1.9.21-22): “*O quotiens uitae custos inuisus amarae / continuit promptas in mea fata manus!*” (Oh! quantas vezes, odioso guardião de uma amarga existência, sujeitou-me as mãos dispostas ao gesto fatal!) – Tradução de Geraldo José Albino (2009).

<sup>52</sup> *Di, [...] Exstimulate, precor, cessantia fata meique.*

<sup>53</sup> *Conscius in culpa non scelus esse sua.*

<sup>54</sup> Tr. 1.2.98; 1.3.38; 2.92; 2.206-207; 3.1.52; 3.6.26; 3.11.34; 4.1.24; 4.4.37; 4.10.90; 5.4.18; 5.8.23.

<sup>55</sup> *The argument is exactly that of the Nux, only in reverse. In the Amores Ovid was using the imagery of unimpeded growth in nature as argument against Corinna’s unnatural self-wounding. The nut tree compares its own unseasonal plundering to abortion* (tradução nossa).

<sup>56</sup> *Fallor an incipiunt grauidae uanescere nubes, / Victaque mutati frangitur ira maris?*

<sup>57</sup> No último livro dos *Tristia* (5.2b.33.34), Ovídio diz: *Quod petimus, poena est: neque enim miser esse recuso, / Sed precor ut possim tutius esse miser.* (O que peço é um castigo: pois não recuso uma vida infeliz, / Mas suplico poder em lugar mais seguro viver infeliz).

---

<sup>58</sup> *The Nux is probably intended as a rhetorical elaboration of this minor theme* (tradução nossa).